

AS TERRAS DE NINGUÉM

Sobre a ideia de interdisciplinaridade

LEVI MALHO

«Não foi logo de início que os deuses revelaram tudo aos mortais, mas, com o tempo, eles acabaram por descobrir o que era melhor».

XENÓFANES de Cólofon (séc. VI-V A.C.)

«O pensamento é uma qualidade própria da alma, que a si mesma se multiplica».

HERACLITO de Éfeso (séc. VI-V A.C.)

«Escrevo de acordo com o que me parece ser a verdade; pois as histórias dos gregos são, em meu entender, muitas e ridículas».

HECATEU de Mileto (séc. VI-V A.C.)

I. A CONSTITUIÇÃO DAS HIERARQUIAS (1)

Começemos por falar de Moda! É, como muitos outros, um tema do nosso tempo. Em última instância, ninguém lhe é absolutamente imune, ninguém pode em plena consciência afirmar que tal assunto não lhe diz respeito. E, todavia, a Moda não são só as variações do vestir ou do calçar, as linhas decorativas de um «design» de interiores ou exteriores, as flutuações periódicas de mercadorias e signos docilmente disponíveis no estendal do «real». A contemporaneidade que vivemos atribui-lhe um estatuto de futilidade, de algo que vive de caprichos mais ou menos anónimos, de inflexões do mercado visando manter acesa a ideia de que só a voracidade da mudança é susceptível de estimular uma apropriação substantiva do Tempo (2). Mas é também verdade que sectores aparentemente hostis à tirania a-crítica quanto ao uso de vestimentas não encomendadas, nem sempre escapam a um certo «new-look» com o seu quê de elegantemente marginal, que singularmente os coloca na ribalta que o espírito do tempo continuamente mantém sob as luzes do «show-business». Neste aspecto, o mundo das ideias e da cultura é ciclicamente avassalado por palavras-mágicas, por conceitos inexplicavelmente sedutores, conquistando posição de relevo em inúmeros campos do saber, vivendo numa espécie de consenso tácito que, se promove a sua expansão, nem por isso consegue instituí-los como discursivamente transparentes ou epistemologicamente operacionais (3). Parece, por vezes, que o seu poder é tanto maior quanto mais extensa é a zona de penumbra em que mergulham as suas raízes, sustentando-se nas Vozes que os pronunciam, alimentando-se do Desejo sem limite na procura da pedra-filosofal que possibilite ao conhecimento humano em geral e às Ciências Humanas em particular, o ponto de vista ideal a partir do qual re-organizem o «Saber» numa forma não-simplificadora e não-reducionista. É bem possível que o conceito de «inter-disciplinaridade» ocupe um espaço ambíguo muito próximo deste horizonte nebuloso, quanto mais não seja porque anda indubitavelmente nas «bocas do mundo» dos profissionais da cultura, se tomarmos em linha de conta a frequência estatística das suas invocações a partir de meados da década de «setenta» (4).

E se Arquimedes dizia que com um ponto de apoio levantaria o Mundo, para um aprendiz de filósofo basta um pretexto para o pôr em questão! O pretexto está à vista, o texto espera por nós. Aceitemos o desafio, com o espírito lúdico que toda a reflexão comporta...

De facto, a ideia de inter-disciplinaridade tem, como é óbvio na sua própria formulação, o pressuposto da existência dum campo significativo, objectivável, sobre o qual e no qual se erigem vectores disciplinares; isto é, a inter-disciplinaridade seria um «momento» cronologicamente posterior à ramificação construtiva das diferentes «disciplinas», tendo em vista colmatar, desbloquear ou eventualmente superar questões em si mesmas insolucionáveis, eventualmente não-visíveis se perspectivadas num continente epistemológico «disciplinarizado». Ora, se uma das formulações possíveis do conhecimento humano decorre do momento histórico em que disciplinas científicas se auto-constituem por delimitação, quantas vezes conflituosa e discutível, dum Objecto e Método que lhe sejam característicos (5), não se pode esquecer que não existe qualquer garantia «científica» quanto à certeza da completa exaustão dos recantos mais sombrios do Mundo por parte desta estratégia «disciplinar», cuja validação teórica rigorosa não decorre de critérios provisoriamente funcionalistas. Naturalmente, não se está aqui a pôr em questão a validade operativa-explicativa de práticas disciplinares historicamente prestigiadas, uma vez que, por agora, nos interessa apenas localizar o horizonte em que as mesmas se têm movimentado.

Nem as disciplinas científicas se podem colocar todas no mesmo plano, pois dentro dos critérios emergentes das mais rigorosas dentre elas (6), há nítidos desfazamentos nos estádios de desenvolvimento de sub-zonas desse campo mais vasto. Quer isto dizer que, à primeira vista, nos encontramos perante três níveis de abordagem do problema:

1.º — O pensamento institucionalizado e objectivado em «disciplinas» decorre duma historicidade interna a uma dada civilização, que tem as suas raízes no ascendente lógico-teórico-universalista oriundo da filosofia e cultura gregas (7).

2.º — A compartimentação da «totalidade do real» em campos disciplinares pressupõe as virtualidades positivas dos procedimentos analíticos, de-compositores e «branqueadores» dum pensamento gnoseologicamente optimista que, nos seus casos-limite, supõe a total transparência da Natureza, ainda que postergue tal objectivo para as calendas dum longínquo futuro (8).

3.º — As eventuais fracturas, aporias, resistências ou inconsequências desta metodologia resultam duma imperfeição ou imaturidade provisória dos procedimentos adoptados e não duma in-adequação essencial de tais procedimentos a partir de momentos evoluídos desta estratégia. Neste caso, procurar-se-ão as virtualidades de práticas de «variação» a partir do tema base da vasta floresta tropical das disciplinas existentes enquanto tal. Por outras palavras, procede-se nesta área de acordo com um princípio da medicina popular que afirma que «doença de cão se trata com o pelo do mesmo cão»... Isto é, os problemas desvelados pelas disciplinas, resolvem-se por decifração e recolha em vasilhame apropriado dos pedaços remanescentes do «real-disciplinado» que caíram nas fendas abertas pelos incontáveis cilindros disciplinares que de há séculos vêm arroteando a seara da nossa ignorância.

No «puzzle» do Real a palavra de ordem da inter-disciplinaridade era a pedra de toque que faltava para finalmente se configurarem no horizonte próximo fundadas expectativas de domesticar os derradeiros «selvagens» que ainda por aí pululam. Um pouco mais de paciência, e assistiremos um dia a uma comovente reunião de família, em que os bisnetos de Hegel darão cumprimento ao testamento do bisavô! (9)!

Uma vez feitas estas observações preliminares, convem reforçar um ponto de vista porventura já suficientemente conhecido, mas que é sempre bom ter presente. O longo processo em que se têm constituído e diversificado os múltiplos campos da experiência e saber humanos, não se inscreve numa linha sequencial de pura continuidade, de progresso ascendente em direcção a um ponto-limite que convencionalmente se tomava como o «saber total e absoluto». Há culturas de dominante oral e de dominante escrita (10), sendo óbvio que estas últimas, para além de não restirem a

contar e divulgar a sua própria História por meio da galáxia de Gutenberg e respectivos sistemas adjacentes — designadamente audio-visuais —, raramente cedem à tentação de marginalizar outras posturas mentais face ao «Mundo» que não as suas ou, quando muito, cobri-las duma adjectivação «pré-histórica» (11) que mais não é que a fórmula actualizada das classificações «etárias» do positivismo oitocentista.

Deste modo, a cultura-civilização provisoriamente triunfante, a sociedade que tem e detem os poderes de produção, circulação e comercialização da Escrita, não pode deixar de elogiar os antecedentes duma prática tão incontroversamente deslumbrante, ao mesmo tempo que nela descobre como o seu mais belo monumento a imensa catedral da Ciência, pacientemente construída e cimentada pelos «tijolos-disciplinas» que a todos abrigam das intempéries da «des-Razão». Porém, são os sectores de ponta do pensamento científico que em primeiro lugar ensaiam tentativas de ultrapassagem às concepções estritamente disciplinares, à medida em que vão tomando consciência que a sectorialização de perspectivas de análise, se é produtiva numa fase inicial, não tarda a erguer obstáculos à equação e resolução de inúmeros problemas, cuja índole ultrapassa o estrito campo em que se vinha a movimentar a prática epistemológica «disciplinada». Isto é, toma-se consciência de que se é verosímil e aceitável a sub-divisão funcionalista de pontos de vista sobre o amplo domínio do «experienciável», já se manifesta como mais problemática a desmultiplicação de estruturas unitárias ontologicamente consistentes, como correlato inevitável das primitivas convicções e práticas disciplinares (12).

Neste caso, ensaiam-se caminhos de aglutinação provisória para um objectivo específico, de duas ou mais disciplinas pré-existentes, que por meio dessa cooperação consegue significativos progressos em sectores localizados do conhecimento humano. Digamos que se ensaia aqui um exercício de pluri-disciplinaridade o qual, sem pôr em questão a consistência epistemológica das «disciplinas-mãe», explora até às últimas consequências as suas virtualidades hermenêuticas.

Todavia, quer a acumulação de dados e informações oriundas deste vasto processo de sedimentação do Saber, quer a natureza dos problemas emergentes a partir dessa fase, parecem postergar para momentos bem mais tardios do que seria de esperar, a altura em que a totalidade do real se reduziria a estruturas interpretativas claras e distintas, de preferência quantificáveis em modelos lógico-matemáticos que expressariam a promessa duma máxima trans-subjectividade relativamente aos então arcaicos «segredos da Natureza». Por agora, um fenómeno paradoxal parece começar a verificar-se, pois à medida em que se tem avançado na constatação das dominantes «ordenadas» do Mundo, a taxa de sectores «caóticos» não tem diminuído na mesma proporção (13), parecendo sugerir que o pensamento científico clássico desvendou uma primeira epiderme do «Real», sob a qual se manifestam miríades de máscaras que tecem os caminhos da nossa vontade de tudo entender.

Desejo antigo dum impossível *Saber Total* que, se alguma vez pôde ser fantasmaticamente possuído por uma consciência mítica, tem-se subrepticamente mantido desde a aurora da filosofia grega, cuja trajectória essencialmente a-disciplinar deve aqui ser realçada (14).

Só que a Filosofia foi o útero dum Logos cujas tendências autonómicas o levaram a sucessivos procedimentos centrífugos em direcção ao estabelecimento de colonatos e feitorias dependentes das suas ilusões majestáticas, assim gerando os múltiplos ante-projectos que confluirão, um dia, na História das Ciências (História da Ciência?) (15). Estas, apesar de numa fase arcaica não constituírem qualquer corpo coerente ou sistemático, não tardarão pela própria lógica do seu desenvolvimento interno a «produzirem» hierarquias no interior das suas fronteiras territoriais, de tal forma que se organizam em torno dum «ideal» sociologicamente aceite pela «comunidade dos Sábios» (16), espécie de salvo-conduto sem o qual nenhum conjunto de asserções explicativas-interpretativas pode aspirar a afirmar-se como «científico». E se em termos sociológicos a época moderna inaugura uma fluidez no tecido dos grupos sociais que tendencialmente a leva a romper com uma sociedade de «ordens-estados», ao atingir a sua plenitude jurídica com a categoria político-

-sociológica de «Cidadão» consagrada pelas revoluções liberais, o mesmo se não verifica no que respeita às várias castas da cientificidade, onde o grande pensamento físico-matemático e regiões afins ocupa uma espécie de estatuto de «1.º estado», relativamente ao indefinível continente das «Letras-Humanidades» que, quando muito, pode aspirar a certas tentações jacobinas cujo designio último é o desejo de aceitação-reconhecimento no areópago do conhecimento satisfeito (17)!

Quanto a outros saberes tidos como «residuais», cujo posicionamento nesta escala hierárquica os situa muito abaixo do já suspeito horizonte do letrado ou do filósofo, terão de se contentar com uma existência nocturna e clandestina, remetidos que são a uma forçada marginalidade de que muito dificilmente se libertarão (18).

A Revolução liberal no domínio das práticas científicas e para-científicas, o momento dos confrontos e confluências «positivas», a convocação dos Estados Gerais das diferentes sabedorias que a historicidade foi suportando em compartimentos estanques, vem com 200 anos de atraso relativamente à tomada da Bastilha, e é sem dúvida um dos grandes temas em aberto da época contemporânea.

II. A CONGESTÃO DO SABER

Se é verdade que aproximadamente 90% do total de investigadores e cientistas existentes desde tempos imemoriais pertencem ao século XX ou estão actualmente vivos, este número impressionante, por si só, é susceptível de patentear o potencial «produtor» de Informação do nosso tempo. Contudo, tal benefício sem preço não revela exclusivamente facetas positivas, uma vez que este capital parece estar sujeito a significativas flutuações de rentabilidade, na medida em que a sua própria abundância se constitui como uma das condicionantes a um efectivo sub-aproveitamento dos conteúdos teórico-práticos por ele veiculados.

Na verdade, se o Saber é algo de «pessoalizado» enquanto atribuível a alguém (individual ou colectivo) que o concretiza e objectiva nos «media» apropriados, isto não significa que a sua circulação multi-subjectiva se encontra assegurada, pois a vastidão quantitativa destes procedimentos frequentemente provoca processos de sedimentação acelerada de vastos estratos informativos, rapidamente recobertos pelas «areias» vindas de montante. (19). A informação ganha «relevância», no sentido geográfico da expressão e a pressão da novidade contribui para o crescimento destas «dunas» que a mais leve brisa se encarregará de continuamente deformar. O Saber, em vez de caminho («método») torna-se «obstáculo» e todo o aprendiz científico se vê obrigado a partir para este deserto, armado numa persistência e paciência evangélicas, aceitando o inevitável estágio numa singular prática semi-arqueológica, semi-espeleológica, arriscando-se mesmo a gastar a vida inteira numa tarefa que, quando muito, lhe anunciaram como propedêutica (20). Submerso entre livros e revistas, entre informações e contra-informações, entre a compreensão numa Teoria no dia seguinte à declaração pública da respectiva obsolescência, o nosso atarefado aprendiz de investigador é uma espécie de Sr. Godot que, com a passagem dos anos, vai aprendendo que uma estreita ponte liga o «Saber-libertação» ao «Saber-prisão».

Quer isto dizer que, no mundo contemporâneo, a reflexão deve necessariamente envolver conteúdos estratégicos, tornando-se em certa medida uma «arte» de viajar com um objectivo, cuja maior dificuldade em ser atingido resulta não da falta de pontos de orientação, mas sim do vertiginoso excesso de «signos-sinais» plantados em todos os caminhos. Arte feita mais de pausas que de correrias, sagesa que aponta para a apreensão dos silêncios que se escapam nos interstícios de gritarias no limiar do insuportável. A Filosofia também é o elogio da meditação, num universo freneticamente pan-comunicante, a vontade de dar um passo para o lado para escutar por um momento as Vozes que nos habitam, quanto mais não seja para nos certificarmos que temos corpo e alma próprios (se tivermos?!) e que o nosso «daimon» não é (não será?!) o «travesti» do anúncio «Green Sands»...

Em resumo, constatada a transmutação anónima dum conhecimento-com-rostro, face à Babel informativa que se ergue no horizonte, resta-nos a persistência na

frugalidade das questões essenciais, a ponderação dos limites inelutáveis que circunscrevem a duração média duma vida humana, a consciência nítida do que não vamos saber nem fazer, para que algo possamos efectivamente fazer e saber (21). Arte de dizer «não» para que se possa dizer «sim», a reflexão filosófica deve escapar à dupla tentação de erudição e auto-suficiência, caminhos duplamente convergentes na fortificação das sedutoras muralhas de um palácio encantado suspenso no abismo duma ignorância e descontentamento sem fim.

Por outro lado, a acumulação já referida de dados e informações, não sendo pertença de ninguém, nem ninguém podendo ter a pretensão dela se apropriar, ocupa um espaço absolutamente novo em termos de posicionamento num dado tecido social, pois sendo em última análise uma emanção desse «contexto», flutua sobre ele duma forma autónoma, criando uma consciência satisfeita face a tal manancial «teorético», que arrasta consigo singulares tendências entrópicas.

Efectivamente, o conjunto das informações disponíveis numa dada época histórica, é tanto mais eficiente dum ponto de vista de relacionamento entre a economia de meios e a respectiva rentabilidade prática, quanto mais puder ser apreendido e apropriado pela maioria dos «sujeitos» nela actuantes. Ora, o nosso tempo, associa contraditoriamente altos níveis de produtividade de objectos culturais com «práticas» de objectivo desperdício por deficiente gestão dos meios existentes, de tal maneira que deixa cair no anonimato significativos «nódulos» informativos, por dificuldades de filtragem e selecção crítica nas zonas de «saída» da megalopolis «fabril-febril» do Saber!

Neste sentido se pode sugerir uma associação com a probabilidade estatística dos sistemas fechados na sua tendência para progressivos níveis de «desordem», in-diferenciação termodinâmica que, no caso vertente, deverá ser entendido como metáfora do anonimato «informativo-estatístico», que só o Acaso pode vir a reanimar para segunda vida (22), emergente desse labirinto de que ninguém possui a planta actualizada. Eis um dos parâmetros que configuram o processo segundo o qual um «facto», em si mesmo e abstractamente considerado, pareceria carregado de positividade e promessas de sinal benéfico, enquanto que apreciado num plano eminentemente pragmático pode revelar a constituição de mais dificuldades que aquelas que alguma vez resolveu. De certa forma, e dentro ainda dos limites atinentes a todas as metáforas, dir-se-ia que está a acontecer com o macro-complexo do Saber um fenómeno análogo ao dos atrofiamentos da circulação rodoviária. O automóvel visava de uma deslocação rápida de um ponto a outro do espaço o que, em si mesmo, é um objectivo perfeitamente aceitável. Só que a sua expansão e divulgação, a partir de um dado ponto-limite, inverte a tendência do propósito inicial, impossibilitando a realização do desejo de rápida movimentação, por congestionamento de «objectos» cuja «essência» seria a da fuga à situação com a qual cada vez mais se confrontam! (23)!

Por outras palavras, o tráfego das «ideias» é excessivo para as vias em que circulam, entendendo-se estas como as tácticas e os procedimentos mentais da maioria daqueles que por acaso ou necessidade com elas têm de operar.

Dir-se-á, porém, que se o panorama é este, então a estratégia mais adequada é reconhecer a consistência irrecusável deste fenómeno, aceitar as suas regras de jogo, dedicando as nossas capacidades críticas e criativas exclusivamente àquilo que está ao nosso alcance. Isto é, se Babilónia é grande, não devemos ter «mais olhos que barriga», restando-nos contribuir com a nossa quota-parte para o crescimento da Cidade, aperfeiçoando e cultivando os nenúfares azuis dos seus jardins suspensos... Amanhecer do conhecimento «compartimentado», eco-sistema ideal dum Logos tranquilamente analítico e decompositor, pacientemente operando nos interstícios duma tapeçaria que já quase ninguém sabe quem encomendou, para que se está a fazer e qual o desenho que contem.

Esta compartimentação, parece ser o único procedimento exequível diante da massa de informações acumulada num micro-território, a única prática que permite «progredir» sem pôr em questão a natureza integral da estratégia seguida. E mesmo assim, o simples decurso da temporalidade leva a sub-dividir o que já estava

micro-dividido, na convicção de que tal processo analítico-quantitativo é o melhor caminho para desbloquear as aporias e dificuldades que a todo o momento se levantam. Processo infundável de escavamento de túneis que levam a outros túneis, Saber eternizando-se na fase de crisálida que um «pensamento-toupeira» inconscientemente impede de se metamorfosear. Situação digna dum conto de Jorge Luís Borges!!!

Este modelo de estruturação construtiva do Conhecimento implica a prazo uma «des-posseção» entre o Autor e a Obra, não no sentido duma libertação daquilo que é produzido-inventado, para ser doado a uma pleiade de sujeitos concretos, mas em direcção a um plano de imponderabilidade meta-pessoal que só o enclausuramento em gigantescos arquivos-ficheiros permite ainda manter na ilusão duma efectiva operacionalidade potencial.

A prática científica no mundo contemporâneo exige, por todas estas razões, uma longa ascese propedêutica a todo o «iniciado», uma lenta pedagogia do sacrifício da compreensão englobante, transformando os grandes Centros de Investigação em locais de renúncia ao essencial, como Edgar Morin tão oportunamente salienta no 1.º volume de *«O Método. A Natureza da Natureza»* (24). Quer isto dizer que os sinos dobram pelo pensador de «génio» em detrimento do «investigador-formiga», que pertinazmente prescrua as migalhas que o seu caminho consente, assim cumprindo as estranhas regras genéticas impressas nos cromossomas dum Corpo Epistemológico mutante e acéfalo.

A hora é das grandes equipas de trabalho, com os seus patrões, as suas hierarquias, as grandezas e misérias das práticas culturais institucionalizadas, quantas vezes dependentes de projectos traçados por outras esferas sociológicas, cujos interesses frequentemente se reportam a jogos de conjuntura nacional e internacional, em nada preocupados com o desvelar dos segredos da «fisis» (25). Num certo sentido, é dum enorme mecanismo de alienação que se está a tratar, dum alheamento e pulverização da consciência através de algumas das suas práticas mais dignas enquanto consideradas em terrenos estritamente pontuais. Num certo sentido ainda o que se está a pretender suscitar é uma inversão deste processo, um caminho que nos aponte para os horizontes duma efectiva reposseção dos incontáveis fragmentos que uma diáspora multi-secular tem votado ao desperdício (26). Não se trata de qualquer diatribe contra o somatório dos «saberes» de que a nossa época dispõe, nem tão pouco de fazer o elogio da ignorância ou a defesa de qualquer espécie de virtudes mágicas do não-conhecimento. Quando muito, pretende-se romper os mecanismos disjuntivos que dissociam e confundem o «saber mais» com o «saber melhor».

Quer-se também salientar que a aparente «ordem» dos inúmeros campos disciplinares contemporâneos, a funcionalidade eficiente das respectivas práticas produtoras de «informação», não implica que, visto no seu conjunto, o «Sistema» não esteja des-regulado, em contínuo desvio aos mínimos de equilíbrio homeostático, funcionando numa espécie de queda livre de que ninguém se dá conta. Um pouco à imagem daquele poema de Fernando Pessoa em que dois jogadores de xadrez se comprazem nas virtuosidades de combinação entre peão, torre e rainha, enquanto os Persas lhes saqueiam a cidade.

O congestionamento do sistema de factos e ideias acumulados por sucessivas gerações aproxima-se de níveis de rotura impensáveis há dois ou três séculos, tornando verosímil no seu sentido mais directo uma verdadeira «catástrofe lógica», entendida como o deslocamento abrupto entre os poderes redutores e unificadores do Logos e a pressão exercida por esse vasto amontoado turbilhonar, no limiar dum «no-returnig point». Talvez por este motivo, um número crescente, ainda que minoritário de pensadores têm, nestes últimos anos, chamado a atenção para tal desfásamento, tendo em vista encontrar soluções que visam reequilibrar o conjunto do «Sistema de Saber», aceitando a sua estrutura eminentemente complexa, mas apostando também num re-ordenamento que «des-complice» essa imensa área de impensado, essa impossibilidade de ver e compreender, presentes quer na obscuridade, quer no excesso de luz!

Aposentados os modelos «geniais» típicos da era e do saber românticos — o

que não impede que, sob inúmeras perspectivas, abundantes sintomas da contemporaneidade não apontem para um revivalismo neo-romântico da actualidade —, confinados a posicionamentos sociológicos mais restritos e recatados, os investigadores e pensadores do nosso tempo só teriam a ganhar com a tomada de consciência do «englobante» da sua prática, ao instituírem um decidido esforço de reposicionamento crítico face ao grande mito duma Ciência anónima e sem rosto, que fascina e premeia como sempre fizeram e farão todos os Déspotas.

III. A NOVA ANTÁRCTIDA.

No princípio era o Saber Total (27). Confinado nas grandes cosmogonias e religiões, um dia descobre-se face ao vazio do Mundo, à falência dos sistemas explicativos arcaicos, diante duma Natureza que é suficientemente ordenada para permitir que nela o espírito humano inscreva constâncias, permanências, Leis; mas que é também suficientemente imprevisível para que o mesmo espírito humano aprenda o sabor da derrota, do Erro, da tentativa falhada nas vésperas do triunfo aparente. Neste sentido dir-se-á que os procedimentos visando o Conhecimento se instauram numa vertente «a-disciplinar», entendida não como a ausência total de alguns sectores teóricos já suficientemente concretizados, mas como metodologia que pretende inscrever a totalidade do «real» em compartimentos autónomos e só eventualmente inter-comunicantes.

Centenas de anos mais tarde, esta tendência minoritária afigura-se como triunfante, assistindo-se com o alvorecer da época Moderna e da cultura iluminista ao apogeu das concepções racionalistas, particularmente eficientes enquanto produtoras de campos disciplinares progressivamente mais nítidos, definíveis e auto-suficientes. Esta era de ascensão «disciplinar», deixa entrever com a cultura e ciências do século XIX as primeiras tentativas de complementarização entre os diferentes compartimentos do Saber, que estão na base das primitivas «junções» entre horizontes afins, instituindo deste modo ensaios bem sucedidos de abordagens teóricas estrategicamente assentes numa «bi-disciplinaridade» primeiro, numa «pluri-disciplinaridade» a médio prazo (28).

As convulsões e crises que abalam, nos inícios do século XX, os sectores modelo do conhecimento científico (pensamento físico-matemático) (29), obrigando a repensar a coesão epistemológica dum vasto arquipélago de Saber, abrem a porta a pulsões desorganizativas que prenunciam os primeiros sérios abalos na «lógica» global do «Sistema». Quase poderíamos afirmar que se constata, se não na «prática» exteriorizável para o grande público, pelo menos no plano de estruturação «conhecimento» de inúmeros agentes da criação científico-cultural, algum prenúncio de aparentes retrocessos diante da solidez dos «dados» adquiridos, de tal forma que uma certa «indisciplina» (in-disciplinaridade) corrói os equilíbrios de há muito inscritos no «espírito do Tempo».

Se a história das conquistas científicas acumuladas durante o presente século, parece acentuar e potenciar este fenómeno, é natural que uma vez detectadas algumas «aporias» inerentes aos modelos clássicos, se ensaiem tentativas de reparação de tais deficiências, através de operações plástica-conceptuais susceptíveis de colmatar os bloqueios constatados. Pensamos que é neste contexto que se insere a tão divulgada palavra de ordem de «inter-disciplinaridade».

Esta pressupõe o reconhecimento da incapacidade de tratamento de certos problemas através da univocidade de um campo disciplinar isolado (30), ao mesmo tempo que constata que os reagrupamentos conceptuais exigíveis levantam sérias dificuldades de ordem teórico-prática. Entre outros, destacaremos as seguintes: 1.º — Quais os critérios que viabilizam e definem, para um dado problema, os compartimentos disciplinares clássicos que para esse fim devem ser mobilizados? 2.º — Como distinguir uma abordagem meramente pluri-disciplinar, em que cada «perspectiva» expõe o seu ponto de vista, duma construção inter-disciplinar que, como é óbvio, deverá estar para além deste plano? 3.º — Como resolver o quase

inevitável conflito entre aparelhos conceptuais situados em diferentes níveis de desenvolvimento operatório, designadamente em questões que exigem a recombinação de Ciências físico-matemáticas ou biológicas com atitudes mentais e hábitos de trabalho oriundos das Ciências Humanas? 4.º) — Como aceitar a hierarquização das diferentes disciplinas em questão na análise dum «campo objectual» comum ou, por outras palavras, como iludir a tentação usual de imposição de uma perspectiva em si mesma particularizante, querendo transformar-se em «ciência-piloto»? 5.º) — Como escapar a tendências embrionárias de constituição de discursos meta-científicos, projectados como Ciência de «primeiro grau», quando estes mesmos discursos apropriando-se de linguagens convencionais, deixam em aberto a infinita sucessão das meta-linguagens? 6.º) — Como impedir o renascimento de totalizações teóricas funcionando em circuito fechado, encaminhando-se dessa forma para a reconstrução das mais velhas tentações inerentes ao espírito do Sistema? 7.º) — Como impedir que, sob a capa de práticas ditas inter-disciplinares, se infiltrem as seduções dum pensamento reducionista?

Levantadas algumas das questões prévias que o horizonte inter-disciplinar configura, sumariamente apontados os obstáculos mais evidentes, estamos em condições de entender os inúmeros «pontos críticos» subjacentes à aparente euforia dum metodologia inovadora, mais pelo potencial de Desejo inscrito na alma dos seus utilizadores-defensores, que pelos resultados obtidos diante da eterna Esfinge de interrogações que nos acompanha desde o início do Tempo!

Não queremos com isto sustentar que o percurso teórico tendencialmente visado pela invocação à inter-disciplinaridade não seja um facto positivo, designadamente naquilo que transporta de vontade efectiva de construção e aperfeiçoamento de instrumentos teóricos que supõem o reconhecimento dos impasses a que chegaram, por uma espécie de exaustão, os procedimentos científicos «clássicos». Todavia, em certa medida, parece-nos que tal estratégia epistemológica se julga mais revolucionária que aquilo que efectivamente é! Mais virada para o aproveitamento das potencialidades ainda existentes nos modelos clássicos, a prática inter-disciplinar institui-se como o «ponto-limite» desse sistema, como a sua «máxima consciência possível», para utilizar a expressão de Lucien Goldmann (31). Não é ainda o continente novo do Saber que por ela irrompe, mas antes uma tentativa de ajustamento à problemática actual, motivada pela pressão de circunstancialismos pontuais. É a forma-fórmula de inovar um edifício respeitável, mas demasiadamente extenso para ser gerido com as atitudes mentais vigentes à época da sua construção.

Ora, o que actualmente se põe em questão são não só os pressupostos subjacentes aos modelos clássicos, mas também o ponto de vista a partir do qual interpretam o «Mundo» (32). A acumulação do Saber é algo que entra em «panne» por crescimento desmesurado, tornando-se insustentável como corpo teórico coerente, pois o sistema de estruturas internas que o equilibrava não acompanhou o desenvolvimento maciço das «placas» periféricas condensadas ao longo da sua historicidade. Digamos que um dos riscos que corre é análogo ao de certos fenómenos estelares, no momento em que, por rotura dos dinamismos internos, se verifica um acontecimento «implosivo», isto é, um desabamento desse corpo em direcção ao seu próprio interior. Neste sentido, a catástrofe implosiva dum sistema de conhecimentos, arrisca-se a transformá-lo num ente super denso e negro, dissipando desse modo as transfinitas possibilidades nele contidas, enquanto catalizador de práticas que visam a redução possível dum imemorial opacidade ontológica.

Evidentemente, a situação actual não atingiu ainda este ponto limite, nem é inevitável que tal aconteça. O que aqui se salienta é a maximalização teórica dum «tendência» que, a não ser devidamente controlada, progressivamente aumentará a possibilidade de enfrentamento com um horizonte desse tipo.

Tendo em conta estes parâmetros, quais as sugestões a propor, tendo em vista a conservação e ampliação quantitativa-qualitativa do imenso património informativo disponível? Em primeiro lugar, sem sacrificar a dimensão «disciplinar», possibilitar a abertura de *campos referenciais trans-disciplinares*, susceptíveis de erigirem uma espécie de projecção tridimensional do conjunto do Sistema de Saber, de forma

a tornar conscientes todas as situações de bloqueio nas conexões entre regiões afins. Tal atitude supõe a mútua aceitação de virtudes e defeitos inerentes a perspectivas «isolacionistas», mas impõe também a construção dum estilo novo de Pensar, que se vê obrigado a utilizar, atravessar e percorrer múltiplos campos disciplinares, sem pretensão de construir mais uma Ciência, mas instituindo sucessivos «varrimentos» da totalidade do campo epistemológico, assim possibilitando a construção duma imagem dinâmica, evolutiva e mais «real» desse corpo mutante que é o Saber contemporâneo. Por outro lado, tentar articular esta atitude mental como «englobante» das práticas científicas disciplinarizadas, de forma a acentuar no plano antropo-sociológico inerente ao investigador-criador o contexto mais amplo em que a repectiva «prática» se insere.

Neste aspecto, os procedimentos e atitudes visados na trans-disciplinaridade, ao acompanharem como consciência crítica a rede de percursos continuamente constituídos no interior das práticas científicas reconhecidas enquanto tais, permitiriam ir concretizando um espécie de «prolegómenos a um Pensamento de Amanhã». Qualquer coisa como um arquivo impressionista que configurasse a antecâmara dum Saber simultaneamente equidistante dum «Logos» que recusa as pulsões psicóticas-limite, quer do lado da «esquizofrenia-decomposição», quer da «paranóia-Sistema».

Naturalmente, na actualidade, uma posição deste tipo significa, em termos teóricos, estar em «sitio-nenhum», reconhecendo e aceitando a nebulosidade iminente aos caminhos não percorridos, designadamente quando tal aposta parte daqueles que têm como formação cultural básica a região das «Ciências Humanas» ou, pior ainda, o indefinível estatuto da Filosofia. Isto é, ter acrescida dificuldade em responder perante outrem quanto à sua identidade profissional, quanto ao «local» que se ocupa dentro dum registo pragmático-funcionalista do Saber.

De certo modo, estas são verdadeiramente as «terras de ninguém», na vontade de romper percursos visando o que se supõe ser uma «outra coisa», sem sequer afastar a possibilidade de que uma qualquer ironia do destino nos venha a revelar a inelutabilidade futura dum caminho sem saída! Regiões em que o pensamento viaja sem rumo pré-determinado, reflectindo no acaso das encruzilhadas e encontros, consciente de que ordem-desordem, caos-cosmos, são algumas das permanentes raízes que pacientemente alimentam o Enigma do «real».

Confrontados entre posições-limite que flutuam entre a ideia de que todo o «sentido» se esconde por trás das aparências, que todos os rostos são máscaras, e a «evidência» da empiricidade pura dum real redutível a uma espécie de corpo meramente epidérmico. Desarmados pela distância do porto de abrigo que não temos, pela «disciplina» que abandonamos, pela incerteza que corrói os mais poderosos argumentos que noutras circunstâncias utilizaríamos com a maior boa-consciência. Sabendo mais aquilo que não queremos, que aquilo que efectivamente visamos, seremos porventura uma das muitas vítimas a sacrificar no «pathos» totalizante do Logos ocidental.

Que cada um cumpra o destino que lhe compete, siga os seus sonhos, ouça (se ouvir?) a voz do «daimon» que o habita. Aquele que o indeterminado do meu tempo me legou, diz-me que as ideias, tal como os homens, não são escravos, nem pertença de ninguém. Que os mais fortes ou os mais espertos podem repartir entre si céus ou continentes, que isso não lhes atribui outra razão para além da «razão da força».

As fronteiras e os limites do Saber, nenhuma Conferência de Berlim as poderá traçar para sempre, com desfaçatez análoga à da confrangedora repartição de que foi objecto a Antártida, onde qualquer atlas demonstra o ridículo das linhas inscritas por sobre os gelos eternos dos confins austrais da Terra. Neste sentido, o novo Saber é uma «Nova Antártida». Isto é, uma mera possibilidade entre outras, no indefinível oceano do Futuro.

NOTAS:

1) Como ponto prévio ao conteúdo deste ensaio, gostaríamos de salientar que nele se perspectiva uma faceta daquilo que aí se define como «Logos ocidental», que não ignora nem sugere desmerecimento por parte doutros planos predominantemente positivos. Todavia, julgamos que a não ser tomado em linha de conta o necessário esforço para re-equilibrar essa dimensão negativa, todo o «edifício» se arrisca a enfrentar uma irreversível degradação. Leia-se, pois, este texto dentro de tal enquadramento, não se lhe exigindo aquilo que consciente e deliberadamente não pretende tratar.

2) Veja-se, a propósito, a «terceira parte» («Mass-media, sexo e lazeres») da obra de Jean Baudrillard, *A Sociedade de consumo*, tradução do francês por Artur Morão, ed. 70, Lisboa, 1975, p. 153/319.

3) Tais conceitos não são específicos duma dada Ciência ou de um certo ramo do saber. Ocorrem indiferentemente em qualquer um, e têm uma existência efémera, apesar de muito poderosa, durante o seu período médio de vida.

4) Na verdade, é raro o debate, exposição, crítica ou operação de teor análogo que se exerça na área científico-cultural durante os últimos anos que não se socorra, por um momento que seja, duma sugestão apontando para a «inter-disciplinaridade». E, quase sempre, por maiores que sejam as diferenças de pontos de vista perante os temas em questão, quando se chega a esta altura é raro não se estabelecer um consenso tático, revelador duma intenção de aceitação quanto às virtudes desta metodologia, sempre definida em termos muito pouco claros!

5) Qualquer «História da Ciência» abundantemente revela este fenómeno. De facto, é uma historicidade conflitual que circunscreve o «nicho» epistemológico em que emergem a maioria das disciplinas científicas. A este propósito, veja-se a obra de Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*, University of Chicago Press, Chicago, 1970, designadamente os capítulos 5º, 6º, e 7º. (p. 43/77).

6) Aliás, este conceito de «rigor» é actualmente muito escorregadio, não se lhe podendo atribuir a carga autoritária e indiscutível de que dispunha há um ou dois séculos, nomeadamente na área do pensamento físico-matemático. A possibilidade actual da validação simultânea de diferentes axiomáticas, implicando diferentes desenvolvimentos conclusivos, o universo conceptual da física das partículas elementares ou da astro-física, revelam conceitos de «rigor» que seriam escandalosos se afirmados perante gerações de investigadores não muito distantes da actualidade.

7) O facto de referirmos este ascendente, não supõe que a cultura e filosofia gregas manifestem esta vertente. A transparência das equações não anula o poder de Delfos, nem dos cultos de Elêusis! Porém, este parâmetro tem um destino histórico menos marcante, quer sob o ponto de vista epistemológico, quer sociológico, ocupando quando muito o plano duma existência subterrânea, impotente para afrontar a vertente olímpica, racional e solar da Razão.

8) Pensamos ser este o caso do pensamento cartesiano, particularmente notório em toda a construção teórica subjacente ao *Discurso do Método*.

9) Isto é, o circuito que confere plena «realidade» ao «racional» e total «racionalidade» ao «real»!

10) «(...) Avant l'invention de l'alphabet phonétique, l'homme vivait dans un monde où tous les sens s'équilibraient l'un l'autre et réagissaient simultanément, un monde dont les résonances étaient l'écho de profondeurs tribales. C'était une culture orale, fondée sur un sens de la vie dominé par l'ouïe. (...) Le langage était le principal mode de communication de sorte que personne n'en savait beaucoup plus ni moins que son voisin. C'est dire que dans une telle société il n'y avait guère de place pour l'individualisme ou la spécialisation (...) Notre système conceptuel du temps et de l'espace — celui de l'Occidental — est né de l'invention de l'écriture phonétique et du milieu qu'elle a contribué à créer».

Marshall McLuhan, *D'oeil à oreille. La Nouvelle Galaxie*, tradução do inglês por Derrick de Kerckhove, Denoel/Gonthier, Paris, 1977, p. 36/37.

11) Quer isto dizer que a cultura-civilização que emite tal juízo transporta em si uma concepção da «História» segundo a qual, numa linha de ascensão axiológica por ela mesma introduzida, a posição que ocupa situa-se na vertente mais avançada do diagrama proposto, de tal forma que focaliza procedimentos que não os seus em fases menos evoluídas do «esquema» global em questão.

12) Uma coisa é uma disciplina científica, outra é a plena «realidade» do Objecto a que se dedica. Uma disciplina é uma perspectiva sobre a totalidade do «real» e não uma prática delimitadora duma «realidade» plenamente autónoma e definível.

13) Porque se sabe «mais», tem-se também consciência cada vez mais nítida do valor e limites dos conhecimentos adquiridos, enquanto comparados com os inúmeros sectores novos que tal processo foi desvelando. Neste sentido, toda a aprendizagem séria aponta na direcção oposta à de qualquer auto-satisfação complacente face ao Universo que nos rodeia.

14) Efectivamente, na sua fase inicial, o «Logos» filosófico abrigava em si a quase totalidade do «saber» e, mesmo quando distinguiu diferentes áreas de análise, fazia-o a partir do campo englobante da Filosofia.

15) Já abordamos este problema numa comunicação intitulada «O Deserto da Filosofia», apresentada ao 1º Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia. (Revista Portuguesa de Filosofia, tomo XXXVIII — II, Braga, 1982, p. 374/383).

16) «(...) Dans ce contexte, la question se pose: que peut-on sans ambiguïté qualifier de scientifique? Comment distinguer le scientifique du non scientifique? Les épistémologues, même au terme d'un effort prodigieux, ont été incapables d'établir un critère rigoureux et inattaquable de la scientificité. Il en résulte qu'est scientifique ce qui fait le consensus des «blouses blanches», c'est-à-dire des scientifiques eux-mêmes (...). Edgar Morin, *Science avec Conscience*, Fayard, Paris, 1982, p. 52.

17) Referimo-nos, como parece óbvio, à tentação a que não escapam inúmeras disciplinas na área das «Ciências Humanas», de pretenderem instituir o seu «objecto» segundo modelos oriundos das «Ciências da Natureza», procurando universos conceptuais e «práticas» demonstrativas que reduzem e empobrecem a complexidade efectiva do «humano», a troco de simulacros de cientificidade, o que lhes concede uma certa complacência epistemológica por parte de sectores maioritários da comunidade científica.

18) Designadamente, as formas de cultura e sabedoria popular, provenientes duma sedimentação oral milenar, vinda dos confins da consciência agrária.

19) Pode afirmar-se que, duma certa maneira, a era da máxima democratização do Saber, não impede uma efectiva aristocratização relativamente à compreensão e alcance dos respectivos sectores de ponta, uma vez que só complexas «iniciações» permitem o acesso ao conteúdo da documentação disponível através dos «media» apropriados.

20) Talvez este seja um dos maiores defeitos a que se expõe a investigação ou o seu simulacro, praticada nas grandes «instituições-paquidérmicas», onde os jogos de prestígio e poder bem pouco estimulam a aventura de Pensar e Criar!

21) «(...) Les grandes bibliothèques du monde abritent des millions de volumes — en mots, l'équivalent de 10^{14} bits d'information, en illustrations, peut-être 10^{15} bits. Dix mille fois plus d'information qu'il n'y en a dans nos gènes, et environs dix fois plus que n'en contient notre cerveau. En lisant un livre par semaine, je n'en aurai lu que quelques milliers pendant ma vie entière, le millième du contenu des grandes bibliothèques de notre temps. Le tout est de savoir quels livres lire (...)». Carl Sagan, *Cosmos*, tradução do inglês por Dominique Peters e Marie-Hélène Dumas, Magazine, Paris, 1981, p. 281.

22) Em boa verdade, podemos perguntar-nos sobre quantos «Aristarcos do presente» se esconderão nos recantos sombrios das actuais bibliotecas? E quantos deles serão algum dia verdadeiramente descobertos?

23) Uma abordagem dos equilíbrios, desequilíbrios e regulações da função urbana, dentro duma perspectiva bio-cibernética, pode ser encontrada na obra de Henri Laborit, *O Homem e a Cidade* (Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1973), designadamente nos capítulos 1º., 2º. e 3º. (p. 13/129).

24) «(...) Tout néophyte entrant dans la Recherche se voit imposer le renoncement majeur à la connaissance. On le convainc que l'époque des Pic de la Mirandole est révolue depuis trois siècles, qu'il est désormais impossible de se constituer une vision de l'homme et du monde.

On lui démontre que l'accroissement informationnel et l'hétérogénéisation du savoir dépassent toute possibilité d'engrammation et de traitement par le cerveau humain. On lui assure qu'il faut non le déplorer, mais s'en féliciter. Il devra donc consacrer toute son intelligence à accroître ce savoir-là. On l'intègre dans une équipe spécialisée, et dans cette expression c'est «spécialisé» et non «équipe» qui est le terme fort (...)». Edgar Morin, *La Méthode. La Nature de la Nature*. Seuil, Paris, 1977, p. 12.

25) É o caso do frequente agendante político-financeiro-militar, no que respeita aos objectivos de inúmeros campos de investigação pura e aplicada.

26) «(...) Mais je sais de mieux en mieux que la seule connaissance qui vaille est celle qui se nourrit d'incertitude et que la seule pensée qui vive est celle qui se maintient à la température de sa propre destruction.

Ce n'est pas la certitude ni l'assurance, mais le besoin qui m'a poussé à entreprendre ce travail jour après jour, pendant des années. (...) Je me suis senti branché sur le patrimoine planétaire, animé par la religion de ce qui relie, le rejet de ce qui rejette, une solidarité infinie; ce que Tao appelle l'Esprit de la vallée «reçoit toutes les eaux qui se déversent en elle» (...). Edgar Morin, *La Méthode. La Nature de la Nature*, op. cit., p. 24.

27) Entenda-se esta afirmação dentro das devidas proporções. Pretendemos dizer que, apesar da precaridade quantitativa de dados disponíveis, um tal sistema interpretativo do «real» se revelava como poderosamente coeso no que respeitava à máxima rentabilização da informação existente.

28) O estudo dos fenómenos físico-químicos, as relações estabelecidas entre electricidade e magnetismo, a constância de regularidades matemáticas implícita à elaboração da «Tábua periódica de Elementos» de Mendeleiev são, entre outros, exemplos concretos do que acabamos de afirmar.

29) Designadamente, as discussões relativas à aparentemente dupla natureza corpuscular-ondulatória da luz, à compatibilização da Teoria da Relatividade com a Mecânica Quântica, à validade cosmológica dos modelos espaciais não-cartesianos, etc..

30) Problemas como o da origem da Vida, do Homem ou do Universo, pela sua própria natureza ultrapassam o âmbito de qualquer disciplina isoladamente considerada.

31) Lucien Goldmann, *A Criação cultural na Sociedade Moderna*, tradução do francês por João Assis Gomes e Margarida Sabino Morgado, Presença, Lisboa, 1972, p. 21/25.

32) Isto é, o pressuposto que duma forma subjacente, só a «Ordem» reina, tratando-se de pacientemente trabalhar para a sua plena desvelação. Ora, o que actualmente parece constatar-se é a compreensão de Ordem-Desordem, Caos-Cosmos, entre si tecendo circuitos e redes de comunicação, cujo alcance estamos agora em condições de admitir como verosímil.

